

# RESENHA DO LIVRO “O VALOR DE EDUCAR” DE FERNANDO SAVATER

Ilda Neta Silva de Almeida **1**  
Valter Domingos Rezende Carvalho **2**  
Adriana Londina Silva de Almeida **3**

---

Mestre em Educação -UFT (2017-2019) Pedagoga- Faculdade  
Aphonsiano(2006) Docência Universitária-Faculdade Araguaia (2008) Sociologia  
e educação Faculdade Aphonsiano (2009) professora da educação básica –  
Rede Estadual de Ensino do estado do Tocantins.SEDUC. Professora do curso de  
Pedagogia- Faculdade ITOP. E-mail: ildaneta@hotmail.com **1**

Jornalista e comunicólogo (2007), Letras (2013), Especialista em Língua  
Portuguesa e Literaturas. Professor da Rede Municipal de Ensino de Palmas.  
E-mail: valterezendecarvalho@gmail.com **2**

Pedagoga (2019) Faculdade Wallon. E-mail: londina.ala@gmail.com **3**

O autor, Fernando Savater, é espanhol, reside no país Basco, nasceu em 21 de Junho de 1947. Conhecido por ser um filósofo da ética e da educação, ativista em movimentos contra o nacionalismo e o terrorismo. É professor catedrático de ética, formado em letras e filosofia. Obteve influências de Nietzsche e Spinoza. Escreveu mais de cinquenta obras, que foram traduzidas em muitos idiomas.

Abordaremos aqui sobre a obra “O valor de educar” escrita em 1997 de forma filosófica, sociológica e pedagógica em que aponta sua preocupação com a crise da educação espanhola. É interessante que, vinte anos mais tarde, hoje, em 2019, as reflexões apontadas no livro se encontram ainda atuais e pertinentes a realidades e questões do nosso tempo e do nosso país, Brasil. “Falarei do valor de educar no duplo sentido da palavra “valor”. Quero dizer que a educação é valiosa e válida, mas também que é um ato de coragem, um passo a frente da valentia humana. Covardes e receosos abstenham-se (SAVATER, 1998, p 24).”

Savater inicia o livro com: “À guisa de prólogo. Carta à professora”. Em seguida apresenta seis capítulos. Sendo o primeiro: o aprendizado humano. Segundo: os conteúdos do ensino. Terceiro: o eclipse da família. Quarto: A disciplina da liberdade. Quinto : Uma humanidade sem humanidades? E Sexto: Educar é universalizar. Concluindo sua produção escreve:” À guisa de epílogo. Carta à ministra”. Ainda no livro, o autor apresenta referências bibliográficas que foram citadas em seu livro e para finalizar apresenta alguns textos como apêndices: “Pensadores em face da educação”.

A obra começa com “Carta a professora”, abordando as complexidades e dificuldades de educar atualmente, infere a filosofia para sustentar a necessidade de sermos inquietos e de buscar reflexão para o ofício de ser professor. Aponta sobre as dificuldades da carreira de docente, como baixos salários, pouco prestígio social, e que na grande maioria a educação só é lembrada como parte de programas políticos. O autor cita Freud que disse que é impossível educar, governar e psicanalisar. Porém o que é impossível é passível de melhorar.

Aborda que seu livro é visto como otimista e que para ser professor temos de ser otimistas e acreditar na perfectividade do ser humano. “os pessimistas podem ser bons domadores, mas não bons professores”. (SAVATER, 1998, p 22). Situa o professor da educação básica que não é valorizado, não tem valor ou importância social, não é reconhecido enquanto sujeito transformador.

Coloca que a educação passa por uma crise, de valores, de finalidades, de ações e que não está sabendo como atender as diversas necessidades sociais, mas que se tornou apenas instrumento mercantil de formar para demandas mercadológicas. Faz muitos questionamentos e aponta a importância e o valor de educar! Comenta sobre o educar filosófico, legal, pedagógico, obrigatório e NECESSÁRIO! É otimista e afirma que educar é possível, mas para isso a família, o indivíduo, a sociedade e o estado devem cumprir com as suas respectivas frações de responsabilidade.

Pergunta o que é educação e tece uma teia de questionamentos que não se encontra respostas curtas, breves e simples, daí o livro gera dor de cabeça no leitor pedagogos e demais professores, porque pensar sobre a complexidade contemporânea nos gera desconforto e, sobretudo uma dor de cabeça sutil. Aponta que se o nosso modelo anterior deu errado, somos todos errados, mas então temos que apontar um modelo bom, certo e que supere o anterior. Se somos frutos da educação da ditadura militar e somos assim, temos muitas falhas, mas como lidar com os resultados da geração liberdade? A crise da educação é uma preocupação do autor, quando ele fala o valor de educar, remete a duas possibilidades, valor enquanto coragem, ousadia, irreverência, mas também no valor como importância e essência.

“O aprendizado humano”, propõe ampliar a concepção de aprendizagem humana em vertentes sociológicas, antropológicas e existenciais saindo da matriz de compleição somente biológico. “[...] ao passo que nós seres humanos, o que parece mais prudente dizer é que nascemos para a humanidade. Nossa humanidade biológica necessita uma confirmação posterior, algo como segundo nascimento (SAVATER, 1998 p. 30-31).” Aponta para a possibilidade de aprendermos em nossas interações o que na medida do possível nos humaniza e qualifica nosso processo de desenvolvimento humano. O autor infere Kant o que demonstra um modelo idealista de educação, que acredita na força da aprendizagem coletiva “ninguém é sujeito na solidão e no isolamento “ o que nos possibilita concluir que na medida que mais aprendemos mais nos tornamos humanos !

Ser humano consiste na vocação de compartilhar com todos o que já sabemos, ensinando os recém chegados ao grupo o que

devem conhecer para se tornar socialmente válidos. Ninguém é sujeito na solidão e no isolamento, sempre se é sujeito entre outros sujeitos: o sentido da vida humana não é monólogo, mas provem do intercâmbio de sentidos. (SAVATER, 1998, p. 36)

“Os conteúdos do Ensino”, neste capítulo o autor aponta para as construções simbólicas do conhecimento produzido pela humanidade, diferenciando-nos dos animais destacando construções sociais como: o tempo, o processo educativo, a sabedoria e o desenvolvimento humano que são elaborações temporais, sociais e se manifestam em nossas interações, vivências e trocas de saberes. “Para ser homem não basta nascer, é preciso também aprender. A genética nos predispõe a chegarmos a ser humanos, porém só por meio da educação e da convivência social conseguimos sê-lo efetivamente (SAVATER, 1998, p. 47)”. De modo que afirma que a condição humana da a todos nos a possibilidade de sermos pelo mesmo em alguma ocasião professores de alguma coisa para alguém, porque estamos o tempo todo e ao mesmo tempo aprendendo, mas estamos também ensinando. “A condição humana da a todos nos a possibilidade de sermos, pelo menos em alguma ocasião, professores de alguma coisa para alguém (SAVATER, 1998, p. 53).” E devido a produção do conhecimento aumentar, multiplicar e pluralizar; sistematizar tornou-se um pouco abstrato. Foram surgindo as instituições de ensino destinadas ao ensino e com isso surge algumas indagações sobre o conceito de instrução e educação. Concluindo que o importante é ensinar a aprender e não ensinar sobre algo, possibilitar aos sujeitos que tenham condições de pensar, argumentar, indagar, se ocupando de muitas perguntas e poucas respostas. Mostra a importância das capacidades abertas e capacidades fechadas como possibilidade de conhecer e reconhecer um modelo que valorize a autoestima dos indivíduos como resultado englobador de todo seu aprendizado. As capacidades fechadas são as próprias das nossas condições físicas, fisiológicas e psicomotoras como andar, falar, fechar e etc. Já as capacidades abertas referem-se ao aprimoramento cada vez maior e melhor do ser humano em ir aprendendo e melhorando suas competências como por exemplo escrever e produzir, que referem-se ao seu “aprender evolutivo” quanto mais ele sabe, mas tem consciência que precisa aprender mais ainda.

No texto, “O eclipse da Família”, é abordado a socialização primária e socialização secundarização. A socialização acontece ou deveria acontecer no seio da família norteado pela afetividade e convivência enquanto que a socialização secundária ocorrer na escola no âmbito formal. O eclipse da família ocorre quando a escola tem que se preocupar além da formação cognitiva com a formação social e moral que antes era responsabilidade da família. “Cada vez com maior frequência, os pais e outros familiares encarregados das crianças sentem desânimo ou desconcerto diante da tarefa de formar as pautas mínimas de consciência social e a deixam aos professores (SAVATER, 1998, p. 73)”. O autor ainda coloca sobre o quanto é preocupante o desvio comportamental dos pais diante dos filhos “para que uma família funcione educacionalmente é imprescindível que alguém nela se resigne a ser adulto”. Fernando tem uma pegada Rossouriana, quando fala que para a criança ser educada adequadamente ela terá de ter medo de alguma coisa ou alguém, que o medo ainda é um bom conselheiro. “Mas a criança deverá temer alguma coisa se quisermos que ela se aplique na árdua tarefa de aprender. [...] as crianças tem que ter aprendido a temer alguma coisa antes de ingressar na escola (SAVATER, 1998, p. 82)”. Segue destacando da intensa educação televisiva que hipnotiza crianças e adultos. Perante a tv as crianças tem o efeito “Desaparecimento da infância e os adultos se infantilizam. O autor aborda sexo, religião, ética, drogas e violência.

A disciplina da Liberdade, filosoficamente belo! Traz em suas linhas: “ser livre não é nada, tornar-se livre é tudo. Não partimos da liberdade, mas chegamos a ela. Ser livre é libertar-se da ignorância primitiva, do determinismo genético”. Nesse sentido o autor reflete que chegar a liberdade é uma prática constante de esforço responsável, transparece que para se entender o que é liberdade é preciso primeiro saber o que é “prisão”, o que é ter limite, disciplina e que para romper tais barreiras será necessário o esforço. Este esforço é a chave da liberdade, por isso ser livre não é nada, mas tornar-se livre é tudo! Propõe que este exercício seja feito na escola, porque brincar ela brinca em casa ou em outros espaços, mas é na escola que se disciplina o neófito para a liberdade.

Combate a ideia da prontidão de respostas, da servidão ao reino infantil, da ausência de respeito pelos mais velhos sejam professores ou pais. Propõe uma relação professore-aluno baseada na sensatez docente e na capacidade discente de não ser insolente, ambos devem aprender a viver no conflito de forma civilizada.

“Uma humanidades sem Humanidades”, nesta tela é apresentado a preocupação de como educar a humanidade para a humanidade com uma concepção educacional tão técnica, mercadológica, mercantil ou mesmo meramente somente racional. Percebe-se uma ênfase apolítica quanto aos conhecimentos úteis, práticos, de usos imediatos e pouco expressivos em reflexão, debate e problematização. Fernando é categórico quando afirma que “As verdadeiras humanidades são as matérias de estudo que conservam viva a pulsação biográfica de quem as explorou, assim como seu compromisso com nossas necessidades vitais e nossos sonhos”. Formar a humanidade para a humanidade pressupõe partir de uma concepção humanitária significativa, com linguagem acessível e compreensível, com humildade e esforço de ambos os envolvidos neste processo lindo que é a vida. Falando em vida, Savater encerra com um poema sobre a vida: “vive-a em madrugadas infelizes ou em manhãs gloriosas, a cavalo ou cidades em ruínas ou selvas contaminadas ou por paraísos sem olhar traz, vê a vida.”

No último tema, “Educar é universalizar”, Fernando de modo filosófico, crítico e num tom até poético expressa que, enquanto humanos não somos objetos, portanto não podemos ser objetivos, mas somos sujeitos daí somos subjetivos. De forma que devemos valorizar e está aberto a conhecer as diversas culturas em seus modos, comportamentos, linguagem, processos históricos e padrões culturais. Não que devam nos apropriar das mesmas como guias de conduta comportamental ou mental, mas vê-las como diversidades culturais importantes que compõem o universo humano. Aponta para a democracia como forma de organização do ensino para combater a falsa ideia de neutralidade. A própria democracia em si não é neutra!

Finalizando o livro, o autor em “Carta a Ministra”, estabelece uma proposta de educação humana, onde afirma “mundializam-se os interesses econômicos, mas não se consegue mundializar o interesse pelos direitos básicos da pessoa humana”. Questionando a ineficiência das propostas educacionais atuais que não se atentam para “despertar a fome de mais educação, de novos aprendizados e ensinamentos.” E sem esta perspectiva, educar continua tendo seu valor secundarizado e sem possibilidade de mudança, mas sejamos otimistas como Fernando Savater.

## Referências

SAVATER, Fernando. **O valor de Educar**. São Paulo; Martins, 1998.

Recebido em 29 de julho de 2019.  
Aceito em 10 de dezembro de 2019.